



Contribuições da Assistência Farmacêutica para o Cuidado de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista

*Camilly Teixeira de Souza¹; Ana Luiza Moraes Carregosa²; Viviane Amaral Toledo Coelho³;
Ednardo de Souza Nascimento⁴; Leonardo Henrique Guimarães Reis⁵*

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações persistentes na comunicação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Em razão da heterogeneidade clínica do transtorno, o cuidado em saúde direcionado a essa população exige abordagem multiprofissional, acompanhamento longitudinal e planejamento terapêutico individualizado. Nesse contexto, a assistência farmacêutica assume papel relevante, especialmente nos casos em que há necessidade de farmacoterapia para o manejo de sintomas associados, como irritabilidade, agressividade, impulsividade, ansiedade e alterações do sono. O presente estudo teve como objetivo analisar a importância da assistência farmacêutica no acompanhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista, abordando aspectos históricos e conceituais do transtorno, características clínicas, tratamentos farmacológicos empregados, atuação do farmacêutico no acompanhamento terapêutico e sua relevância na orientação aos familiares e na promoção do uso racional de medicamentos. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa, elaborada a partir da consulta a publicações científicas e documentos técnicos pertinentes ao tema. A análise das fontes permitiu compreender que o farmacêutico exerce papel fundamental na promoção da segurança terapêutica, no monitoramento da farmacoterapia, na identificação de problemas relacionados a medicamentos, na adesão ao tratamento e na educação em saúde dos familiares e cuidadores. A assistência farmacêutica constitui componente estratégico no acompanhamento de pacientes com TEA, contribuindo para qualificar o cuidado em saúde, reduzir riscos relacionados ao uso de medicamentos e fortalecer o suporte oferecido às famílias. Observa-se ainda que a inserção mais ativa do farmacêutico nas equipes multiprofissionais pode favorecer práticas mais seguras, racionais e humanizadas no atendimento à pessoa com autismo.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Assistência farmacêutica; Cuidado farmacêutico; Uso racional de medicamentos.

¹ Graduanda em Farmácia pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: milly.teix@gmail.com;

² Graduanda em Farmácia pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: lumcarregosa@gmail.com

³ Bióloga pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Especialista em Solos e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Lavras; Mestre e Doutora em Ciência do Solo pela Universidade Federal de Lavras. Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: vivianeatc@yahoo.com.br;

⁴ Pedagogo e Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES; Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: ednardonardim@hotmail.com;

⁵ Graduado em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Ouro Preto; Pós-Graduado em MBA Gestão em Pessoas pela Universidade do Noroeste do Paraná. Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: leonardo.almenara@hotmail.com.

Contributions of Pharmaceutical Assistance to the Care of Patients with Autism Spectrum Disorder

Abstract: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by persistent changes in social communication and by restricted and repetitive patterns of behavior, interests, or activities. Due to the clinical heterogeneity of the disorder, healthcare directed at this population requires a multidisciplinary approach, longitudinal follow-up, and individualized therapeutic planning. In this context, pharmaceutical care plays an important role, especially when pharmacotherapy is needed to manage associated symptoms such as irritability, aggression, impulsivity, anxiety, and sleep disorders. This study aimed to analyze the importance of pharmaceutical care in the follow-up of patients with Autism Spectrum Disorder, addressing historical and conceptual aspects of the disorder, clinical characteristics, pharmacological treatments, the role of the pharmacist in therapeutic follow-up, and its relevance in family guidance and in the promotion of rational drug use. This is a narrative literature review with a qualitative approach, based on scientific publications and technical documents related to the topic. The analysis showed that the pharmacist plays a key role in promoting therapeutic safety, monitoring pharmacotherapy, identifying drug-related problems, improving treatment adherence, and educating family members and caregivers. It is concluded that pharmaceutical care is a strategic component in the follow-up of patients with ASD, contributing to improve healthcare quality, reduce risks related to medication use, and strengthen family support. A more effective inclusion of pharmacists in multidisciplinary teams may promote safer, more rational, and more humanized care for individuals with autism.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Pharmaceutical care; Rational use of medicines; Pharmacotherapy.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é atualmente reconhecido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (APA, 2014; Freire et al., 2022). A compreensão contemporânea do transtorno afasta visões reducionistas e reconhece a ampla heterogeneidade clínica entre os indivíduos, o que exige cuidado em saúde planejado de forma individualizada e multiprofissional (Freire et al., 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Nesse contexto, o acompanhamento terapêutico de pessoas com TEA não se limita às intervenções psicológicas, educacionais e comportamentais. Em muitos casos, há necessidade de manejo farmacológico de sintomas associados, como irritabilidade, agressividade, impulsividade, distúrbios do sono, ansiedade e outras manifestações que interferem no desenvolvimento, na convivência social e na rotina familiar (Brasil, 2026). Essa realidade amplia a importância da assistência farmacêutica, uma vez que o uso de medicamentos em pacientes autistas deve ocorrer com monitoramento, orientação técnica e avaliação contínua de benefícios e riscos (Silva; Almeida; Abreu, 2022; CRFAM, 2022).

A assistência farmacêutica, enquanto componente essencial da atenção à saúde, abrange atividades técnico-gerenciais e clínico-assistenciais relacionadas aos medicamentos (CRFAM, 2022). No caso do TEA, sua relevância torna-se ainda maior devido à necessidade de acompanhamento prolongado, à participação ativa dos familiares ou cuidadores na administração dos fármacos e à possibilidade de efeitos adversos que exigem observação sistemática (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026). O farmacêutico, nesse cenário, atua não apenas no fornecimento do medicamento, mas também na orientação sobre uso correto, adesão terapêutica, identificação de reações adversas e promoção do uso racional (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

A relevância deste estudo está relacionada à necessidade de ampliar a discussão sobre o papel da assistência farmacêutica no cuidado a pacientes com TEA, especialmente diante da crescente demanda por acompanhamento especializado e humanizado (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022). Embora a farmacoterapia não represente tratamento curativo do transtorno, seu uso pode ser relevante no controle de sintomas associados, desde que inserido em um plano terapêutico integral e orientado por evidências (Brasil, 2026).

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da assistência farmacêutica no acompanhamento de pacientes com TEA, abordando aspectos históricos e conceituais do TEA, características clínicas, tratamentos farmacológicos, atuação do farmacêutico no acompanhamento terapêutico e sua relevância na orientação aos familiares e na promoção do uso racional de medicamentos.

Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica sistematizada, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, realizada nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), PubMed/MEDLINE (*National Library of Medicine*) e sites institucionais oficiais, sendo selecionados estudos disponíveis nos idiomas português e inglês. Para a busca bibliográfica, utilizaram-se descritores como: “Transtorno do Espectro Autista”, “assistência farmacêutica”, “atenção farmacêutica”, “uso racional de medicamentos”, “farmacoterapia no TEA” e “cuidado farmacêutico”, com o objetivo de investigar a importância da atuação do farmacêutico no acompanhamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Para a seleção das fontes, priorizaram-se estudos relacionados ao objeto de estudo, com foco na assistência farmacêutica, no cuidado farmacêutico e no uso racional de medicamentos.

Foram incluídos materiais que abordavam a evolução histórica e conceitual do autismo, as características clínicas e diagnósticas do TEA, os principais tratamentos farmacológicos, a atuação do farmacêutico no acompanhamento do paciente autista e a orientação aos familiares. O recorte temporal estabelecido foi de 2020 a 2026, compreendendo publicações dos últimos seis anos, com exceção de obras clássicas e fundamentais para a contextualização histórica e conceitual do transtorno, como os trabalhos de Kanner (1943) e Asperger (1944), bem como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da *American Psychiatric Association* (2014). Esse recorte temporal garantiu atualização das evidências científicas sobre assistência farmacêutica e farmacoterapia no TEA, ao mesmo tempo em que preservava as referências históricas indispensáveis para a compreensão da evolução do conceito de autismo.

Por outro lado, foram excluídos materiais sem relação direta com o manejo medicamentoso, com a atuação farmacêutica ou sem relevância evidente para os objetivos do trabalho. Após a seleção, realizou-se leitura exploratória e analítica das fontes, com organização do conteúdo em eixos temáticos, de modo a construir uma argumentação coerente entre fundamentação teórica, análise crítica e implicações práticas. A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa e descritiva, por meio da interpretação crítica das informações obtidas nas publicações selecionadas, buscando identificar convergências entre os autores e contribuições relevantes acerca da assistência farmacêutica no acompanhamento de pacientes com TEA.

Aspectos históricos do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O autismo teve seus primeiros registros no início do século XX, quando o termo foi utilizado por Plouller, em 1906, durante estudos relacionados à psiquiatria. Posteriormente, em 1911, o psiquiatra Eugen Bleuler incorporou o termo à literatura psiquiátrica ao descrever pacientes com esquizofrenia que apresentavam afastamento da realidade e dificuldade de interação social. Bleuler utilizava o termo “autismo” para caracterizar indivíduos com isolamento social, limitação nos relacionamentos interpessoais e dificuldade de contato com o mundo externo (Dourado, 2008; Fusar-Poli et al., 2020).

Somente em 1943 o autismo passou a ser compreendido como uma condição clínica específica, a partir dos estudos desenvolvidos pelo psiquiatra infantil Leo Kanner. Em seu trabalho intitulado *Autistic Disturbances of Affective Contact*, Kanner descreveu 11 crianças que apresentavam características semelhantes, como dificuldade de interação social, resistência a mudanças, comportamentos repetitivos e alterações na comunicação. O autor denominou esse quadro como “distúrbio inato do contato afetivo”, destacando ainda a presença de isolamento social desde os primeiros anos de vida e interesses restritos (Kanner, 1943). Além disso, Kanner

observou que algumas crianças apresentavam habilidades específicas preservadas, como memória excepcional, apesar das dificuldades de socialização e linguagem (Volkmar; Wiesner, 2019).

Em 1944, o pediatra austríaco Hans Asperger também realizou importantes estudos relacionados ao autismo ao observar crianças que apresentavam dificuldades de interação social, limitações na comunicação e padrões comportamentais específicos e repetitivos. Suas observações contribuíram significativamente para a ampliação do conhecimento sobre o transtorno, especialmente em relação às diferentes manifestações clínicas apresentadas pelos indivíduos. A partir desses estudos, posteriormente surgiu a denominação Síndrome de Asperger, termo utilizado durante muitos anos para descrever indivíduos com características semelhantes às do autismo. Atualmente, essa condição encontra-se incluída dentro do TEA, conforme as classificações diagnósticas mais recentes (Camargo, 2025).

Nas décadas seguintes, o conceito de autismo passou por diversas modificações em decorrência do avanço das pesquisas científicas e da ampliação do conhecimento acerca das manifestações clínicas do transtorno. Dessa forma, o autismo deixou de ser compreendido de maneira limitada e passou a ser reconhecido como uma condição ampla e heterogênea, atualmente denominada TEA. Conforme o DSM-5, o TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (American Psychiatric Association, 2014).

Definição e características do TEA

O TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento identificado geralmente nos primeiros anos de vida, sendo caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (American Psychiatric Association, 2014). O termo “espectro” é utilizado devido à ampla variabilidade das manifestações clínicas e dos diferentes níveis de suporte necessários para cada indivíduo.

O TEA afeta diferentes áreas do desenvolvimento, incluindo aspectos sociais, emocionais, cognitivos, motores e da linguagem. Os sintomas podem variar significativamente entre os indivíduos, tanto na intensidade quanto na forma de manifestação, podendo sofrer alterações ao longo do desenvolvimento (Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Entre as principais características do transtorno destacam-se dificuldades na comunicação verbal e não verbal, alterações na interação social e presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (Pinto et al., 2016; Fusar-Poli et al., 2020). Os indivíduos com TEA podem apresentar dificuldade em estabelecer vínculos sociais, resistência a mudanças, apego excessivo a rotinas e interesses restritos por determinados assuntos (Volkmar; Wiesner, 2019). Além disso, em muitos casos podem ser observadas alterações relacionadas ao desenvolvimento da fala e dificuldades na comunicação social. Os sintomas geralmente surgem ainda na infância e podem causar prejuízos significativos no funcionamento diário do indivíduo (American Psychiatric Association, 2014).

O diagnóstico do TEA é realizado de forma clínica, por meio da observação comportamental e da avaliação do desenvolvimento da criança. Atualmente, os critérios diagnósticos mais utilizados são os descritos no DSM-5, que considera como principais aspectos diagnósticos os déficits persistentes na comunicação e interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses (American Psychiatric Association, 2014).

Os sinais do transtorno podem ser percebidos ainda nos primeiros anos de vida, sendo comuns alterações relacionadas ao contato visual, atraso na fala, pouca interação social, ausência de resposta ao ser chamado pelo nome e presença de comportamentos repetitivos. Dessa forma, o diagnóstico precoce torna-se fundamental para possibilitar intervenções terapêuticas adequadas e favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e comunicativo do indivíduo com TEA (Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Tratamentos farmacológicos em pacientes com TEA

A farmacoterapia no TEA deve ser compreendida como recurso adjuvante e não como tratamento dos sintomas nucleares do transtorno. Os benefícios terapêuticos precisam sempre ser ponderados frente aos riscos de efeitos adversos, o que torna indispensável a individualização da conduta, a definição de metas terapêuticas, o monitoramento longitudinal e a atuação integrada da equipe multiprofissional, com destaque para o farmacêutico no acompanhamento da segurança e do uso racional dos medicamentos.

O tratamento do TEA deve basear-se prioritariamente em intervenções psicossociais, educacionais e comportamentais, uma vez que não há medicamento capaz de corrigir o núcleo do transtorno (Doutor et al., 2025). Entretanto, a farmacoterapia pode ser necessária em

situações específicas, sobretudo para o manejo de sintomas associados que trazem sofrimento intenso ou prejuízo funcional importante, como irritabilidade, agressividade, auto agressão, impulsividade e agitação (Doutor et al., 2025; Brasil, 2026).

O tratamento do TEA deve basear-se prioritariamente em intervenções psicossociais, educacionais e comportamentais, uma vez que não há medicamento capaz de corrigir o núcleo do transtorno (Doutor et al., 2025). Entretanto, a farmacoterapia pode ser necessária em situações específicas, sobretudo para o manejo de sintomas associados que trazem sofrimento intenso ou prejuízo funcional importante, como irritabilidade, agressividade, autoagressão, impulsividade e agitação (Doutor et al., 2025; BRASIL, 2026).

No caso da risperidona, os benefícios terapêuticos observados em irritabilidade e agressividade precisam ser contrapostos aos possíveis efeitos colaterais, como ganho de peso, sedação, aumento do apetite e alterações metabólicas (Doutor et al., 2025; Brasil, 2026).

A necessidade de monitoramento clínico contínuo torna-se, portanto, indispensável (Doutor et al., 2025). A literatura técnica reforça que o uso do medicamento deve ocorrer com acompanhamento da resposta clínica e vigilância de eventos adversos (Brasil, 2026).

O aripiprazol também aparece como alternativa terapêutica para sintomas comportamentais associados ao TEA, especialmente em contextos nos quais a equipe assistencial entende que o balanço risco-benefício é favorável (Doutor et al., 2025). Contudo, assim como ocorre com outros psicofármacos, sua utilização exige avaliação individualizada, definição de objetivos terapêuticos e reavaliação periódica da necessidade de manutenção (Silva; Santos; Oliveira, 2023).

Além dos antipsicóticos atípicos, outros fármacos podem ser utilizados conforme o perfil clínico do paciente, incluindo melatonina para alterações do sono, psicoestimulantes em alguns quadros com comorbidades e outros medicamentos destinados ao manejo de sintomas específicos (Oliveira et al., 2026).

Ainda assim, é fundamental destacar que o uso de medicamentos em pacientes com TEA não deve ocorrer de forma indiscriminada nem com base apenas em expectativas familiares ou relatos não científicos (Avantis, 2025; Oliveira et al., 2026). A indicação precisa ser clínica, racional e acompanhada por equipe capacitada (Oliveira et al., 2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Assistência farmacêutica no acompanhamento do paciente autista

A assistência farmacêutica corresponde a um conjunto de ações relacionadas ao medicamento e ao seu uso, com impacto direto sobre a qualidade da atenção à saúde (CRFAM, 2022). No cuidado ao paciente autista, essa assistência adquire grande relevância porque muitos indivíduos necessitam de acompanhamento terapêutico prolongado, apresentam dificuldades específicas na aceitação do medicamento e dependem dos familiares para garantir a administração correta (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026).

A atuação farmacêutica no TEA envolve diferentes dimensões. Do ponto de vista clínico, permite avaliar o esquema medicamentoso, identificar problemas relacionados a medicamentos, monitorar efeitos adversos e contribuir para a adesão terapêutica (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023). Do ponto de vista educativo, possibilita orientar cuidadores e familiares sobre finalidade do tratamento, administração correta, armazenamento, horários e sinais de alerta (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Em algumas situações, o paciente com TEA pode apresentar hipersensibilidade sensorial, recusa de determinadas formas farmacêuticas, dificuldade de deglutição ou forte resistência à mudança de rotina, fatores que comprometem o uso correto do medicamento (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026). Nessas circunstâncias, o farmacêutico pode atuar propondo estratégias práticas para facilitar a administração e diminuir erros, sempre em articulação com a equipe prescritória (Silvestre, 2024; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

A literatura também destaca que a assistência farmacêutica é relevante para garantir acompanhamento longitudinal e maior segurança terapêutica (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023). Como afirmam Silva, Almeida e Abreu (2022, p. 22), “a atenção farmacêutica desempenha papel fundamental nos cuidados iniciais, bem como na abordagem medicamentosa, monitoramento e acompanhamento do paciente”. Essa formulação reforça que o farmacêutico não deve ser visto apenas como profissional vinculado à dispensação, mas como agente ativo no cuidado integral (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

Outro ponto importante é a contribuição da assistência farmacêutica para a organização do acesso aos medicamentos e para a continuidade do tratamento (CRFAM, 2022). Em redes públicas ou privadas, a regularidade da terapia é fator decisivo para evitar interrupções indevidas, descontrole de sintomas e maior sobrecarga familiar (CRFAM, 2022; Oliveira et al., 2026). Logo, a assistência farmacêutica bem estruturada atua tanto na dimensão clínica quanto na dimensão organizacional do cuidado (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

O papel do farmacêutico na orientação aos familiares e no uso racional de medicamentos

O farmacêutico exerce papel central na orientação aos familiares de pacientes com TEA, especialmente porque o tratamento medicamentoso, quando indicado, costuma ser realizado no ambiente domiciliar e sob responsabilidade dos cuidadores (OLIVEIRA et al., 2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022). Isso significa que a efetividade terapêutica depende não apenas da escolha correta do fármaco, mas também da forma como a família compreende e executa as orientações recebidas (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Nesse contexto, a orientação farmacêutica deve contemplar dose, horário, via de administração, conservação do medicamento, duração do tratamento e cuidados diante de possíveis reações adversas (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022). Também é importante esclarecer quais efeitos são esperados, em quanto tempo podem aparecer e em quais situações a equipe de saúde deve ser acionada (Oliveira et al., 2026). Ao traduzir informações técnicas para uma linguagem acessível, o farmacêutico fortalece a autonomia da família e reduz a ocorrência de erros no uso dos medicamentos (CRFAM, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

No campo do uso racional, a atuação desse profissional torna-se ainda mais necessária, uma vez que pacientes com TEA podem estar expostos a riscos como automedicação, interrupção abrupta do tratamento, duplicidade terapêutica, ajustes empíricos de dose e uso de produtos sem eficácia comprovada (Avantis, 2025; Oliveira et al., 2026). Tais práticas podem comprometer a segurança do paciente e gerar prejuízos importantes ao tratamento (Oliveira et al., 2026).

A literatura analisada destaca que o farmacêutico é o profissional habilitado para promover orientação racional dos fármacos e prevenir falhas na terapêutica (Silva; Santos; Oliveira, 2023). Em paráfrase acadêmica, pode-se afirmar que a presença do farmacêutico contribui para evitar eventos adversos, ampliar a adesão e melhorar a condução do tratamento medicamentoso em pessoas com TEA (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

Além do aspecto técnico, o farmacêutico também oferece acolhimento e apoio informacional às famílias, que frequentemente vivenciam insegurança, sobrecarga e dúvidas persistentes em relação ao tratamento (CRFAM, 2022). Essa dimensão humanizada da prática profissional é fundamental porque o cuidado em TEA exige continuidade, vínculo e comunicação clara entre serviços de saúde, paciente e rede de apoio (CRFAM, 2022; Oliveira et al., 2026).

Outro aspecto relevante da atuação farmacêutica no TEA está relacionado à individualização da terapêutica, considerando que muitos pacientes apresentam respostas diferentes aos medicamentos e maior sensibilidade a determinados efeitos adversos. Nesse contexto, o acompanhamento farmacoterapêutico permite avaliar continuamente a eficácia, a tolerabilidade e a necessidade de ajustes no tratamento, favorecendo uma conduta mais segura e adequada às particularidades de cada paciente. Além disso, a integração do farmacêutico com a equipe multiprofissional contribui para um cuidado mais abrangente, ao mesmo tempo em que auxilia os cuidadores no manejo da rotina medicamentosa, especialmente em situações de resistência ao uso dos fármacos ou dificuldades na administração, fortalecendo a adesão terapêutica e a qualidade da assistência prestada às pessoas com TEA (Jerônimo et al., 2024).

Desafios e perspectivas da assistência farmacêutica no TEA

Apesar da importância da assistência farmacêutica no cuidado ao paciente com TEA, ainda existem desafios para sua efetiva consolidação nos serviços de saúde (CRFAM, 2022; Oliveira et al., 2026). Entre eles, destacam-se a limitação de protocolos específicos de acompanhamento farmacoterapêutico, a insuficiente integração do farmacêutico às equipes multiprofissionais e a escassez de estudos aplicados voltados especificamente ao cuidado farmacêutico em autismo (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026).

A literatura recente indica que, embora o papel do farmacêutico seja reconhecido como relevante, ainda há predomínio de abordagens teóricas e necessidade de maior produção científica sobre resultados concretos das intervenções farmacêuticas (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026). Isso demonstra que o campo se encontra em expansão e requer fortalecimento por meio de pesquisas clínicas, estudos observacionais e relatos de experiência em diferentes contextos assistenciais (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026).

Como perspectiva, observa-se potencial para ampliação da atuação farmacêutica na atenção primária, nos serviços especializados e em ações educativas destinadas aos familiares (Jaff, 2025.; Oliveira et al., 2026). A construção de materiais informativos, protocolos clínicos, fluxos de encaminhamento e estratégias de monitoramento contínuo tende a qualificar o cuidado e aumentar a segurança do uso de medicamentos (Jaff, 2025; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

Desse modo, a assistência farmacêutica no TEA deve ser entendida como prática em desenvolvimento, mas já claramente necessária para a integralidade do cuidado (Oliveira et al.,

2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022). Seu fortalecimento representa avanço importante na promoção da segurança terapêutica, da adesão ao tratamento e do suporte às famílias (CRFAM, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

A prática da atenção farmacêutica exige compromisso ético, conhecimento técnico e acompanhamento contínuo do paciente, tendo como principal objetivo a promoção da qualidade de vida. Entretanto, sua efetivação ainda enfrenta desafios importantes, como a sobrecarga de atividades burocráticas, limitações estruturais dos serviços de saúde e a baixa adesão da população ao acompanhamento farmacêutico. Em muitos casos, os próprios responsáveis demonstram pouca receptividade às orientações profissionais, o que pode comprometer a continuidade do cuidado e reduzir a efetividade do tratamento. Dessa forma, a participação ativa da família torna-se indispensável para fortalecer o acompanhamento terapêutico e favorecer melhores resultados na assistência ao paciente (Vargas, 2021).

Resultados e Discussão

Tabela 1 – Artigos utilizados nesta Revisão Integrativa

Nº	Artigos selecionados
1	AVANTIS. Foco na automedicação e interações medicamentosas. 2025. Disponível em: < https://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/359 >. Acesso em: 18 maio 2026.
2	BRASIL. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde. Risperidona no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) . Brasília: CONITEC, s.d. Disponível em: < https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/artigos_publicacoes/risperidona_final.pdf >. Acesso em: 18 maio 2026.
3	CRFAM. Abril Azul : a importância da assistência farmacêutica nos cuidados a pacientes com TEA. 2022. Disponível em: < https://crfam.org.br/noticias/abril-azul-a-importancia-da-assistencia-farmaceutica-nos-cuidados-a-pacientes-com-tea >. Acesso em: 18 maio 2026.
4	OLIVEIRA, K. da S. <i>et al.</i> Cuidado farmacêutico na atenção primária à saúde voltado a crianças de 5 a 10 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Sistema Único de Saúde (SUS): práticas de acompanhamento medicamentoso, educação em saúde e suporte às famílias. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação , v. 12, n. 1, p. 1–15, 2026.
5	SILVA, Jéssica Vitória da; SANTOS, Maria Eduarda Ferreira dos; OLIVEIRA, Ana Clara Souza. A importância do farmacêutico na orientação ao tratamento do portador de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Revista Eletrônica Acervo Saúde , São Paulo, v. 23, n. 11, e10617, 2023. Disponível em: < https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10617 >. Acesso em: 28 maio 2026.
6	SILVA, Samyres de Nardo da; ALMEIDA, Magna Avelina dos Santos Xavier de; ABREU, Clezio Rodrigues de Carvalho. A importância da atenção farmacêutica nos cuidados a pacientes portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Revista JRG de Estudos Acadêmicos , v. 5, n. 10, p. 18–31, 2022. Disponível em: < https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/331 >. Acesso em: 18 maio 2026.
7	SILVESTRE, Valdeir de Oliveira Lima. Atenção farmacêutica no tratamento de pacientes com transtorno do espectro autista: desafios e importância para o manejo medicamentoso. Revista Brasileira Medicina de Excelência , v. 2, n. 4, 2024. Seven Publicações Ltda. Disponível em: < https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/BRJHM/article/view/5806 >. Acesso em: 28 maio 2026.

Fonte: dados do estudo.

A análise das fontes selecionadas evidencia que a assistência farmacêutica tem relevância crescente no acompanhamento de pacientes com TEA, sobretudo em razão da complexidade clínica e das particularidades que envolvem o uso de medicamentos nessa população (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

O conjunto dos estudos aponta que o farmacêutico pode contribuir de maneira significativa para o monitoramento terapêutico, a adesão ao tratamento e a orientação segura dos cuidadores (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023). Os achados também demonstram que a farmacoterapia, embora não atue sobre o núcleo do transtorno, possui utilidade no controle de sintomas associados em situações específicas (Doutor et al., 2025; Brasil, 2026).

Entretanto, esse benefício depende de acompanhamento criterioso, pois medicamentos como risperidona e aripiprazol apresentam riscos de efeitos adversos que exigem vigilância contínua (Doutor et al., 2025; Brasil, 2026). Essa constatação reforça a necessidade de inserção efetiva do farmacêutico no cuidado longitudinal (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023). Outro ponto relevante observado na literatura refere-se às barreiras à adesão terapêutica. Muitos pacientes com TEA apresentam resistência à administração de medicamentos por razões sensoriais, comportamentais ou relacionadas à rotina diária (Silvestre, 2024; Oliveira et al., 2026). Soma-se a isso a insegurança dos familiares diante de possíveis efeitos colaterais, o que pode levar a erros de administração, interrupções indevidas ou uso inconsistente do tratamento (CRFAM, 2022; Oliveira et al., 2026). Nesse cenário, a orientação farmacêutica atua como elemento facilitador e protetivo (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

A discussão permite compreender ainda que o cuidado farmacêutico não deve ser reduzido ao momento da dispensação. Ao contrário, trata-se de prática clínica e educativa que envolve escuta qualificada, análise da farmacoterapia, identificação de problemas relacionados a medicamentos e comunicação com a equipe assistencial (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023). Quando essa atuação ocorre de forma integrada, aumenta-se a capacidade de individualizar condutas e reduzir riscos (Oliveira et al., 2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022).

Também se observa que o uso racional de medicamentos é o eixo central da discussão. A literatura consultada indica que o paciente com TEA pode ser submetido a condutas inadequadas, como medicalização excessiva, manutenção de fármacos sem revisão periódica

ou uso de produtos sem eficácia cientificamente sustentada (Avantis, 2025; Oliveira et al., 2026). A presença do farmacêutico contribui para prevenir tais situações, orientando o tratamento com base em evidências e em critérios de segurança (Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

Do ponto de vista familiar, os estudos indicam que o suporte profissional reduz dúvidas, fortalece a confiança no tratamento e melhora a compreensão sobre objetivos terapêuticos e reações adversas (CRFAM, 2022; Oliveira et al., 2026). Isso é particularmente importante porque grande parte do sucesso da farmacoterapia depende da forma como os cuidadores administram o medicamento no cotidiano (Oliveira et al., 2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022). Logo, a família não pode ser vista apenas como coadjuvante, mas como parte essencial do processo terapêutico (CRFAM, 2022).

Em síntese analítica, os resultados permitem afirmar que a assistência farmacêutica constitui componente estratégico da atenção em saúde ao paciente com TEA (Oliveira et al., 2026; Silva; Almeida; Abreu, 2022). Seu papel abrange monitoramento clínico, educação em saúde, prevenção de falhas terapêuticas e promoção do uso racional de medicamentos, produzindo impacto positivo tanto para o paciente quanto para a família e para a equipe multiprofissional (CRFAM, 2022; Silva; Almeida; Abreu, 2022; Silva; Santos; Oliveira, 2023).

Considerações Finais

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou compreender que o TEA demanda cuidado integral, contínuo e interdisciplinar, devido à complexidade das manifestações clínicas e às necessidades específicas apresentadas pelos pacientes. Nesse contexto, a assistência farmacêutica mostra-se relevante no acompanhamento terapêutico, especialmente nos casos em que há necessidade de utilização de medicamentos para o controle de sintomas associados ao transtorno.

Ao longo da pesquisa, observou-se que o farmacêutico desempenha papel importante na promoção da segurança terapêutica, no acompanhamento do uso correto dos medicamentos e na orientação aos familiares e cuidadores. Sua atuação contribui para ampliar a adesão ao tratamento, favorecer maior compreensão sobre a terapêutica e prevenir práticas inadequadas relacionadas ao uso de medicamentos. Além disso, verificou-se que a farmacoterapia em pacientes com TEA deve ser individualizada e acompanhada de monitoramento contínuo,

considerando as particularidades de cada paciente e a necessidade de avaliação constante da eficácia e segurança do tratamento.

Dessa forma, conclui-se que a assistência farmacêutica deve ser valorizada como parte essencial do cuidado em saúde às pessoas com TEA, contribuindo para o uso racional de medicamentos, para a qualificação da assistência e para o fortalecimento do suporte oferecido às famílias. Assim, investir na ampliação e consolidação dessa prática nos serviços de saúde representa medida importante para promover maior segurança terapêutica, efetividade do tratamento e melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AVANTIS. Foco na automedicação e interações medicamentosas. 2025. Disponível em: <<https://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/359>>. Acesso em: 18 maio 2026.

BRASIL. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde. **Risperidona no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: CONITEC, s.d. Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/artigos_publicacoes/risperidona_final.pdf>. Acesso em: 18 maio 2026.

CAMARGO, Luís Otávio Santos. A microbiota intestinal e o eixo intestino-cérebro no transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 74, e20240044, 2025.

CRFAM. Abril Azul: a importância da assistência farmacêutica nos cuidados a pacientes com TEA. 2022. Disponível em: <<https://crfam.org.br/noticias/abril-azul-a-importancia-da-assistencia-farmaceutica-nos-cuidados-a-pacientes-com-tea>>. Acesso em: 18 maio 2026.

DOURADO, F. **Autismo e cérebro social: compreensão e ação**. Fortaleza: Premium, 2008.
FREIRE, A. L. et al. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, n. 3, p. 1–14, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/Gd3KgdZhpWFdTHrgbDRNr5S/>>. Acesso em: 18 maio 2026.

FUSAR-POLI, L. et al. Self-reported autistic traits using the AQ: a comparison between individuals with ASD, psychosis, and non-clinical controls. **Brain Sciences**, v. 10, n. 291, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/brainsci10050291>>. Acesso em: 18 maio 2026.
JAFF. Elaboração de material educativo para a promoção do uso racional de medicamentos. 2025. Disponível em: <<https://ojs.jaff.org.br/ojs/index.php/jaff/article/view/1550>>. Acesso em: 18 maio 2026.

JERÔNIMO, Jacia Luciana Gomes Batista et al. *Assistência farmacêutica no tratamento do transtorno do espectro autista (TEA)*. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências**

e Educação, v. 11, n. 1, p. 719-740, 2024. DOI: 10.35621/23587490.v11.n1.p719-740. Disponível em: <https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_32/Trabalho_51_2024.pdf> Acesso em: 26 maio 2026.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, v. 2, p. 217–250, 1943.

OLIVEIRA, K. da S. *et al.* Cuidado farmacêutico na atenção primária à saúde voltado a crianças de 5 a 10 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Sistema Único de Saúde (SUS): práticas de acompanhamento medicamentoso, educação em saúde e suporte às famílias. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 1, p. 1–15, 2026.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, e61572, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/JYsnx7H9wyBvQ8rD6JPvL9K/>>. Acesso em: 28 maio 2026.

SILVA, Jéssica Vitória da; SANTOS, Maria Eduarda Ferreira dos; OLIVEIRA, Ana Clara Souza. A importância do farmacêutico na orientação ao tratamento do portador de Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, v. 23, n. 11, e10617, 2023. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10617>>. Acesso em: 28 maio 2026.

SILVA, Samyres de Nardo da; ALMEIDA, Magna Avelina dos Santos Xavier de; ABREU, Clezio Rodrigues de Carvalho. A importância da atenção farmacêutica nos cuidados a pacientes portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 5, n. 10, p. 18–31, 2022. Disponível em: <<https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/331>>. Acesso em: 18 maio 2026.

SILVESTRE, Valdeir de Oliveira Lima. Atenção farmacêutica no tratamento de pacientes com transtorno do espectro autista: desafios e importância para o manejo medicamentoso. **Revista Brasileira Medicina de Excelência**, v. 2, n. 4, 2024. Seven Publicações Ltda. Disponível em: <<https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/BRJHM/article/view/5806>>. Acesso em: 28 maio 2026.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. **Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

●

Recebido: 14/05/2026; Aceito: 30/05/2026; Publicado: 31/07/2026